

Animando a Geografia: desenhos animados na construção do saber geográfico escolar

Animating Geography: cartoons in the construction of school geographic knowledge

Geografía Animada: dibujos animados en la construcción del saber geográfico escolar

Thiago Afonso Peron¹

 <https://orcid.org/0000-0001-7336-433X>

Kalina Salaib Springer²

 <https://orcid.org/0000-0002-7408-1689>

RESUMO: Pensar em novas maneiras e novos recursos didáticos para facilitar e qualificar o processo de ensino-aprendizagem da geografia na Educação Básica e em tornar a geografia atraente e divertida, para que o/a estudante participe ativamente da construção do seu conhecimento são desafios atuais. Utilizaram-se as mídias e seus artefatos culturais em processos educativos para contribuir na resolução desta problemática. Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a utilização de desenhos animados como recurso didático-pedagógico para o ensino de geografia na Educação Básica. O presente texto trata-se de uma investigação teórica, na qual foi utilizada como metodologia a revisão bibliográfica e nesta foi considerado o gênero dos/as autores/as, para que o trabalho contemplasse ambos de forma equitativa. Como produtos resultantes foram gerados 9 planejamentos didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Anos Finais alicerçados na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e no Currículo Base do Território Catarinense (Santa Catarina, 2019). Estes planejamentos apresentam temas transversais inovadores, e a diversidade em suas mais distintas facetas. Vislumbra-se que é uma alternativa tornar a geografia atraente e significativa para o/a estudante com artefatos culturais do seu dia-a-dia.

PALAVRAS-CHAVE: geografia escolar; ensino de geografia; diversidade no ensino.

ABSTRACT: *Thinking of new ways and new teaching resources to facilitate and qualify the geography teaching-learning process in Basic Education and to make geography attractive and fun, so that the student actively participates in the construction of their knowledge are current challenges. Media and their cultural artifacts were used in educational processes to contribute to resolving this problem. Thus, the present work aimed to reflect on the use of cartoons as a didactic-pedagogical resource for teaching*

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade Batista de Minas Gerais (FBMG). Professor de Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC. E-mail: peronperon90@gmail.com.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: kalina.springer@ufsc.br.

geography in Basic Education. This text is a theoretical investigation, in which bibliographic review was used as a methodology and the gender of the authors was considered, so that the work included both equally. As resulting products, 9 lesson plans were generated for Elementary Education based on the National Common Curricular Base (Brasil, 2018) and the Base Curriculum of the Catarinense Territory (Santa Catarina, 2019). These lesson plans present transversal, innovative themes and diversity in its most distinct facets. It is believed that it is possible to make geography attractive and meaningful for the student with cultural artifacts from their everyday lives.

KEYWORDS: *school geography; geography teaching; diversity in teaching.*

RESUMEN: *Pensar en nuevas formas y nuevos recursos didácticos para facilitar y cualificar el proceso de enseñanza-aprendizaje de la geografía en la Educación Básica y hacer que la geografía sea atractiva y divertida, para que el estudiante participe activamente en la construcción de sus conocimientos son desafíos actuales. Los medios y sus artefactos culturales se utilizaron en los procesos educativos para contribuir a resolver este problema. Así, el presente trabajo tuvo como objetivo reflexionar sobre el uso de los dibujos animados como recurso didáctico-pedagógico para la enseñanza de la geografía en la Educación Básica. Este texto es una investigación teórica, en la que se utilizó como metodología la revisión bibliográfica y se consideró el género de los autores, para que el trabajo incluyera a ambos por igual. Como productos resultantes, se generaron 9 planes lectivos para Educación Primaria, basados en la Base Curricular Común Nacional (Brasil, 2018) y la Base Curricular del Territorio Catarinense (Santa Catarina, 2019). Estos planes de lecciones presentan temas transversales, innovadores y la diversidad en sus facetas más distintas. Se cree que es posible hacer que la geografía sea atractiva y significativa para el estudiante con artefactos culturales de su vida cotidiana.*

PALABRAS-CLAVE: *geografía escolar; enseñanza de geografía; diversidad en la enseñanza.*

INTRODUÇÃO

Profissionais da educação, nas universidades e nas escolas, vêm tentando pensar novas maneiras e recursos didáticos para facilitar e qualificar o processo de ensino-aprendizagem da geografia na Educação Básica, além de tornar as aulas mais atrativas e divertidas para que o/a estudante participe ativamente na construção do seu conhecimento. Muitos destes recursos são produtos das mídias, desenvolvidos sem finalidade pedagógica que, posteriormente, podem adquirir função didática na escola: fotografia, quadrinhos, cinema e tantos outros. Desta forma, pode-se afirmar que a mídia está presente de forma consistente na sociedade moderna.

Face a este contexto, primeiramente discutiremos neste texto as relações entre mídia e educação. As mídias geram artefatos culturais como filmes, séries, músicas, desenhos animados, reportagens, etc. Estes podem ser utilizados no processo educacional de maneira a diversificar o repertório cultural dos/as estudantes e tornar o processo educacional mais dinâmico, incluindo, nesse âmbito, a geografia.

Abordaremos as animações, comumente conhecidas como desenhos animados e *cartoons*. O desenho é um dos primeiros artefatos gerados pelas mídias que as crianças têm

contato, perdurando por toda a infância e adolescência, e algumas vezes na vida adulta. De fácil acesso, contribuem significativamente para a disseminação de ideias acerca do mundo real: dos lugares e das culturas próximas e longínquas, e podem auxiliar a ensinar conceitos e conteúdos, valores e contravalores, ludicidade, imaginação e criatividade. Com os desenhos animados é possível viajar no tempo e no espaço para além das leis da física, exercitando a imaginação e criatividade. Com personagens e enredos presume-se a incorporação de certos aprendizados ‘adequados’ ou não, mas que induzem a criança a pensar, agir, imitar, normalizar, aceitar, questionar e tantas outras habilidades cognitivas e comportamentais.

Apesar de estudos recentes sobre a utilização de animações como ferramentas pedagógicas, há carência de discussões que envolvam a geografia escolar de modo mais específico. As investigações e experiências a esse respeito são incipientes no Brasil e no mundo, pressuposto que justifica o nosso trabalho. Talvez, isso decorra do fato de que a utilização dos desenhos na educação escolar seja um fenômeno recente, cuja disseminação aconteceu principalmente a partir dos anos de 2010. Assim, através do lúdico, do divertido e do agradável, os desenhos animados podem desenvolver a imaginação e a criatividade dos/as educandos/as, cativar e persuadir. E, como recursos didáticos, pensamos que são capazes de desenvolver o empoderamento, auxiliar no ensino de valores e contravalores, auxiliar no ensino de conceitos e conteúdos, auxiliar a ensinar maneiras diferentes de ler o mundo em que vivem.

Isto posto, o texto tem como objetivo refletir sobre a utilização de desenhos animados como recurso didático-pedagógico para o ensino de geografia na Educação Básica. A discussão de ‘como’ ensinar atrelou-se também ao ‘o que’ ensinar em geografia. Nesse contexto, a escolha dos desenhos pautou-se também na sua relação com temáticas que envolvessem a diversidade e os temas transversais. Nos documentos curriculares de Santa Catarina, sendo eles, a Proposta Curricular de Santa Catarina - PCSC (Santa Catarina, 2014) e o Currículo Base do Território Catarinense - CTC (Santa Catarina, 2019), a diversidade é compreendida como um princípio formativo, presente em todos os componentes curriculares e em todo o percurso formativo do/a estudante. Esse aspecto justifica sua escolha neste trabalho. Já os temas transversais aparecem como obrigatórios na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018). Como parte final apresentaremos nove propostas didáticas que relacionam conteúdos geográficos e desenhos a serem desenvolvidos na Educação Básica.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma investigação de cunho teórico. Segundo Gil (2002) é denominada uma pesquisa exploratória, que se desdobrou em uma pesquisa bibliográfica e

documental. Primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica, que buscou na literatura estudos que utilizaram como objeto de pesquisa artefatos midiáticos e mais especificamente desenhos animados e cinema de animação em contexto educativo. Já, com relação à educação geográfica, a revisão bibliográfica foi feita com base também na literatura nacional e internacional. Após as leituras, foi realizado o estado da arte e o material selecionado serviu de sustentação para fundamentação teórica do trabalho. Nesta primeira etapa, a escolha dos textos considerou a nacionalidade e o gênero dos autores/as, para que o trabalho contemplasse ambos de forma equitativa.

Na sequência foi realizada a leitura de documentos normativos vigentes, sendo eles: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDBEN (Brasil, 1996), a PCSC (Santa Catarina, 2014), a BNCC (Brasil, 2018) e o CTC (Santa Catarina, 2019) de modo a compreender como as mídias e seus artefatos aparecem nestes documentos.

Dando início à parte prática, foi feito um apanhado geral das produções de animações veiculadas nos canais de televisão abertos e fechados e nas plataformas de *streaming* - Netflix, Amazon Prime Vídeo e *YouTube* -, a fim de conhecer as obras disponíveis. Após assistidas, foram selecionados os desenhos que contemplassem o princípio da diversidade, conceito presente na LDBEN, na PCSC, na BNCC e no CTC, ou seja, apresentassem diversidade de representação (em: raça/etnia, gênero, inclusão, territorial, cultural, corporal, pensamentos e ideias). Além disso, considerou-se também conceitos e conteúdos; produções brasileiras e produções que fugissem do eixo Estados Unidos-Europa.

Por fim, foram elaborados nove planos de aula para o Ensino Fundamental, ou seja, do 1º ao 9º ano. Os planos de aula foram construídos a partir dos pressupostos estabelecidos pela BNCC e CTC, incluindo uma parte autoral, criada por nós, e que, na nossa visão, complementaria essas normativas.

Todos os planos seguiram a mesma lógica de construção, apresentando 17 tópicos. São eles: Informações Gerais, onde consta o nome do professor/a, disciplinas, ano e tempo de duração previsto; já os tópicos Unidade Temática, Competências Gerais, Temas Contemporâneos Transversais, Competências Específicas de Ciências Humanas, Competências Específicas de Geografia e Habilidades Específicas do componente de Geografia foram escolhidos com base nos pressupostos definidos pela BNCC e CTC.

Para a elaboração dos planos, além das habilidades previstas nos documentos, obrigatórias, criaram-se habilidades autorais, visto que o documento traz esta prerrogativa e necessidade de contemplação. Assim, foram criadas habilidades considerando a realidade local e regional (quando foi possível).

De forma autoral, definiu-se ainda um tema para cada aula, objetivos de aprendizagem gerais e específicos e conteúdo específicos de aprofundamento para cada aula. Nos

planejamentos constam ainda o desenvolvimento do tema com a descrição de como cada aula se desdobrará, apresentando técnicas e os métodos de ensino possíveis; os recursos didáticos, informações sobre o Desenho Animado utilizado, atividade de avaliação do aprendizado e sugestões de fontes de consulta para o/a professor/a e bibliografia. Todas as atividades de avaliação foram anexadas na íntegra aos respectivos planos de aula.

MÍDIAS E EDUCAÇÃO

De acordo com o dicionário *on-line* de língua portuguesa Michaelis mídia é “[...] toda estrutura de difusão de informação, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa” (Mídia, 2021, n.p). Como exemplos de mídias ou meios de comunicação de massa temos jornal, televisão, cinema, panfleto, *internet*, etc. As mídias são formas de transmissão de alguma coisa a alguém, em diferentes linguagens como escrita, sonora, audiovisual e multimídia.

A incorporação da mídia e seus artefatos estão presentes em documentos oficiais que asseguram o uso de artefatos midiáticos, nos processos educacionais formais, entre os quais: a PCSC (Santa Catarina, 2014), a BNCC (Brasil, 2018), o CTC (Santa Catarina, 2019) e a Lei 13.006, de 26 de junho de 2014 cuja redação infere que “[...] a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Brasil, 2014, p. 1).

Antes de o/a estudante entrar no sistema educacional formal os artefatos culturais gerados pelas mídias já fazem parte de seu cotidiano, transmitindo valores, estigmas, preconceitos e ensinamentos dos mais variados. A autora Guimarães (2013, p. 221) afirma que “[...] as crianças e jovens que adentram a escola são formados, desde muito cedo, no compasso vertiginoso dos artefatos midiáticos”.

Segundo a educadora Baccega (2002) podemos asseverar que antes das crianças chegarem à escola elas já foram alfabetizadas, não alfabetizadas na escrita, mas sim na alfabetização audiovisual. Ou seja, a escritura já foi passada a um plano secundário desde o final do século passado e esse fenômeno traz consequências à educação formal. A televisão trouxe uma fonte de educação que não pode e não deve ser menosprezada, pois não podemos considerar educação apenas o resultado de processo de ensino-aprendizagem baseado na escrita, onde o/a docente dita conteúdos e o/a estudante assimila e realiza atividades e avaliações. A televisão expande as fontes de conhecimento, não ficando apegados apenas ao livro, por mais que esse nunca perderá seu *status*. A televisão também educa, de forma adequada e/ou inadequada.

Desta forma, a linguagem audiovisual que a televisão nos ensina tão precocemente na infância “[...] faz surgir novas formas de viver, ser, pensar, agir, enfim, de perceber a si e as coisas do mundo” (Souza; Sartori, 2013, p. 92). Ela é um mundo que se abre bem na sala de estar ou na telinha do *smartphone* e pode levar o/a estudante a uma viagem na história, ou ao futuro, além de mundos que nem sequer são reais, mas ficcionais.

Estas experiências audiovisuais ensinam, sem o auxílio do/a professor/a, mas se incorporados ao processo formal de ensino-aprendizado podem direcionar e conduzir para que essa aprendizagem seja mais significativa e crítica. Pois “[...] sabemos que a informação é libertadora, mas por outro lado, se não filtrarmos criticamente essas informações, elas podem nos levar à alienação” (Santos; Chiapetti, 2012, p. 169).

Se realizarmos uma pesquisa rápida em uma ferramenta de busca na *internet* encontraremos várias experiências educacionais relacionando os artefatos midiáticos em diversas áreas do conhecimento. Livros, artigos, monografias, dissertações, teses, além de livros didáticos e paradidáticos, abordam a utilização das mais diversas mídias nos processos educativos, pensando desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação.

Estes artefatos incluem a música, televisão (noticiário, novelas, desenhos animados, programas de entretenimento, etc.), redes sociais, sites, videocliques, cartazes e propagandas. De acordo com Castrogiovanni (2007, p. 80) as “[...] músicas, textos de revistas, livros e filmes são recursos de fácil acesso pelo professor e de grande aceitação por parte dos alunos, uma vez que estes se caracterizam por operar pela imagem, pelo simbólico e por valorizar os eventos, o ‘show’ do professor”. Consoante a Castrogiovanni, as autoras Santos e Chiapetti (2012, p. 169) afirmam que “[...] é possível utilizar como recursos didático-pedagógicos para o ensino de Geografia letras de música, fotografia, teatro, quadrinhos e a TV/vídeo”.

Com isto, pensamos que os artefatos midiáticos, em especial, as animações, são capazes de trazer à sala de aula parte da cotidianidade, das experiências e das vivências dos/as estudantes. Isso torna os conteúdos mais significativos e as aulas mais dinâmicas e divertidas. Para além, Guimarães (2013, p. 227) salienta a importância da formação cultural que os artefatos midiáticos podem trazer aos/às estudantes. Em suas palavras há de se:

[...] trazer para as salas de aula produções culturais diversas veiculadas pela mídia e também aquelas menos acessadas pelos alunos cotidianamente. Os textos midiáticos que os alunos, por diferentes motivos não acessam ou não são reconhecidos em seu cotidiano, podem ser de fundamental importância para a formação cultural dos estudantes, levando-os a outros modos de produzir pensamentos.

Para se utilizar estes artefatos deve-se ter o “[...] domínio de diferentes linguagens por parte dos professores, saber o conteúdo apenas não é suficiente. É necessário buscar meios

de esse conteúdo ser aprendido, ou seja, transformar-se em conhecimento para os alunos” (Santos; Chiapetti, 2012, p. 181).

Nessa perspectiva, é preciso pensar os artefatos midiáticos como um instrumento de educação para as mídias, para a leitura e entendimento delas. Nesse processo os/as estudantes aprendem a ser críticos com as mensagens veiculadas por elas.

Assim, utilizar os artefatos televisivos nos processos educativos não se restringe à velha ilustração de um conteúdo, mas sim, como gerador de conteúdos e debates. A respeito disso Baccega (2002, p. 11) adverte:

A escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos, criados num ecossistema comunicativo que não se restringe à utilização de imagens ilustrativas ou a televisão e o vídeo como complemento. Caso contrário, vão ficando cada vez mais distantes a experiência cultural de que falam os professores daquela que trazem os alunos, na qual eles se banham e da qual aprendem. E os discursos caem no vazio.

Desta maneira, é fundamental que o professor/a utilize os artefatos televisivos para além da ilustração, que explore o seu cunho problematizador, instigando as/os estudantes a ver ‘as linhas e as entrelinhas’ de forma crítica e também desenvolver aulas práticas e reflexivas acerca destas produções.

O DESENHO ANIMADO E O ENSINO

De acordo com o dicionário *on-line* Britannica Escola “[...] a animação é a arte e a ciência de trabalhar com as imagens de modo que elas pareçam se mover. Filmes e programas de televisão de animação, chamados de desenhos animados, são uma forma popular de entretenimento” (Animação, 2020, n.p).

Englobamos como desenhos animados as séries e os desenhos que corriqueiramente estão disponíveis na programação televisiva, geralmente de curta duração, cerca de cinco a 20 minutos. Estes estão disponíveis na televisão (aberta e fechada) e nas plataformas de *streaming* da *Internet*, além do *YouTube*. E podem ser acessados de diferentes dispositivos como televisão, *smartphone*, *tablet* ou computador.

Face a esse processo de popularização dos desenhos, cresce o interesse de pesquisadores/as que estudam a utilização destes artefatos no processo de ensino-aprendizagem dos componentes curriculares. No Brasil destacamos o trabalho de Mesquita e Soares (2008) que aborda as visões de ciências em animações e a alternativa destes para o debate sobre a construção do conhecimento científico na escola. Já Bezerra (2012) e Souza e Sartori (2013) desenvolvem trabalhos sobre a história da animação e a influência destas e da educomunicação na educação infantil. Pazelli (2012) trabalhou em sua dissertação com a

utilização do cinema de animação para ensinar sobre saúde. E, Espírito Santo e Brito (2018) descrevem as relações étnico-raciais em um contexto do desenho 'Mundo Bitá'.

Já como experiências internacionais trazemos os exemplos de Puiggròs, Pujol e Holz (2005), na Espanha, que relatam o desenvolvimento de valores através dos desenhos. Llorent e Marín (2013) refletem sobre os desenhos no currículo da educação infantil espanhola. Beltrán-Pellicer, Arnal-Bailera e Muñoz-Escolano (2018), também na Espanha, analisam o conteúdo matemático nas animações para a educação infantil. Já Águila *et al.* (2010), no Chile, descrevem os desafios de inserir os desenhos no currículo da educação infantil. E Mornhinweg e Herrera (2017), no Panamá, trabalham as animações como ferramenta didática para todo o sistema educacional panamenho.

Entre os estudos que envolvem a geografia escolar, mencionamos Guimarães (2013) que trabalha a importância do uso de artefatos midiáticos (como as animações) na educação geográfica. Dias, Laurindo e Rodrigues (2014) abordam em um artigo o uso do cinema de animação como recurso didático para o ensino de geografia na Educação Básica. Lima (2011) discutiu o uso do desenho 'Pica-Pau' na construção do pensamento geográfico; Silva (2015) trabalhou o uso do desenho 'Os Simpsons' como um instrumento metodológico; Peron e Elias (2020) discutiram a utilização da animação 'Super Choque' para desenvolver práticas geográficas antirracistas na Educação Básica; e Peron (2021) discutiu a utilização do desenho animado como potencializador de uma educação geográfica antirracista.

Sendo assim, podemos utilizar algumas características dos desenhos animados a favor do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia. A seguir veremos detalhadamente alguns destes potenciais característicos que julgamos mais pertinentes para explorar nas animações a favor da construção do saber geográfico escolar.

Com base na bibliografia identificamos as potencialidades didático-pedagógicas dos desenhos e agrupamos em quatro categorias, assim distribuídas: a) o potencial de auxiliar a ensinar conceitos e conteúdos; b) o potencial de auxiliar a ensinar valores e contravalores; c) o potencial da ludicidade, imaginação e criatividade; e d) o potencial da identidade, representatividade e empoderamento.

Com relação ao primeiro agrupamento, o potencial dos desenhos de auxiliar a ensinar **conceitos e conteúdos** é significativo. De fato, existem não somente conceitos geográficos, mas também conteúdos geográficos que estão implícitos ou explícitos nas obras, os quais podem ser explorados. Lima (2011) desenvolveu uma aula com o desenho 'Pica-Pau' no ensino fundamental e explorou em um episódio conteúdos sobre a educação ambiental, a importância da destinação correta dos resíduos e como cuidar do ambiente. Já Peron e Elias (2020), exploraram o potencial do desenho animado 'Super Choque', no qual trabalharam

conceitos de paisagem e cultura inseridos no contexto da globalização do continente africano. Segundo Dias, Laurindo e Rodrigues (2014, p. 01):

Embora os desenhos animados não sejam vistos como um recurso científico, atrelados a alguns deles existem conceitos geográficos que passam despercebidos e que podem auxiliar na compreensão da ciência geográfica pelos discentes, sendo um recurso didático em potencial a ser explorado no ensino, dando dinamicidade a sala de aula, que muitas vezes é tida como chata e sem vida, por alguns alunos.

Já, no que se refere ao auxílio do ensino de **valores e contravalores**, é sabido que as animações trazem intrínsecas nos episódios, nas narrativas e nos personagens valores e princípios. Bezerra (2012, p. 1185) escreve que “[...] os desenhos contribuem para a formação da personalidade das crianças, já que trazem em sua essência princípios e valores que são ofertados aos pequenos de uma forma lúdica e encantadora”.

Puigròs, Pujol e Holz (2005, p. 3) afirmam que “[...] as séries de desenhos animados durante décadas supõem uma nova alternativa de educação, caracterizada, basicamente pela clareza dos valores, pela moralidade que transmitem fundamentalmente em suas últimas cenas” [tradução nossa].

Desta maneira, respeito à diversidade étnico-cultural, igualdade de gênero e raça, respeito entre às diferenças, respeito para com as minorias (populações quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, pessoas da comunidade LGBTQIAP+ [Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queers, intersexuais, assexuais e pansexuais], etc.), respeito para com o patrimônio público e para com a preservação ambiental, responsabilidade, solidariedade, liberdade, consciência dos direitos e deveres, entre tantos outros valores, são expressos em animações e podem ser ensinados e problematizados nas aulas de geografia.

Para além de conceitos e conteúdos geográficos, a função maior e mais ampla da geografia escolar é formar cidadãos/ãs conscientes e críticos/as. Nesse contexto, os desenhos podem auxiliar o/a professor/a a construir o debate dos valores e contravalores, visto que trazem intrinsecamente estes valores na narrativa das aventuras animadas. Por outro lado, os contravalores que são transmitidos pelos desenhos equivocadamente também podem ser utilizados no processo de construção da cidadania, problematizando, questionando, fazendo com que os/as estudantes reflitam sobre as ações e atitudes das personagens. A este respeito Águila *et al.* (2010, p. 102) acentuam que “[...] os desenhos animados oferecem um excelente meio para trabalhar o tema com as crianças a partir da análise daqueles valores, tanto positivos quanto negativos, que se dão nesses programas” [de desenhos animados] [tradução nossa]. Del Moral, Villalustre e Piñeiro (2010, p. 101) destacam também que:

[...] os estereótipos negativos destacados como atrativos pelos entrevistados também podem ser interessantes para a realização de atividades de análise e reflexão, cujo objetivo se orientaria em todo caso a promover uma indagação sobre as razões da preferência e a revisar criticamente o modelo de conduta que representam [tradução nossa].

Para exemplificar, imaginemos um desenho em que, num dado momento, ocorra uma atitude de discriminação contra uma personagem *gay* ou alguém da comunidade LGBTQIAP+. O/a professor/a pode estabelecer um debate na sala, questionando os/as estudantes sobre aquela atitude. O que é LGBTfobia? Como combatê-la? Como você agiria se isso ocorresse com você? Ou o que você faria caso essa situação acontecesse na sala ou na escola? Existem estudantes da comunidade LGBTQIAP+ na sala, na escola, no bairro etc.? Quais são suas atitudes com eles/as? De fato, o leque de possibilidades é imenso, e como mencionado anteriormente, cabe ao/a professor/a dar a intencionalidade ao recurso didático, conforme os objetivos preestabelecidos.

Com relação à **Ludicidade, imaginação e criatividade**, partimos da premissa de Santos e Chiapetti (2012, p. 168) que reforçam que “[...] a atividade lúdica se tornou um importante recurso didático-pedagógico nas práticas de ensino, especialmente quando utilizadas a partir de uma abordagem do cotidiano”. Deste modo, é relevante que o/a professor/a busque recursos didáticos que trabalhem a ludicidade na sala de aula, tornando as práticas geográficas mais descontraídas.

Nesse contexto, de acordo com Bezzera (2012, p. 1185) “[...] os desenhos são recursos audiovisuais fantásticos que resgatam de uma maneira lúdica as contações de histórias de antigamente”. E, na mesma linha de pensamento Puiggròs, Pujol e Holz (2005, p. 03) frisam que os desenhos possuem um “[...] ensino de natureza indireta e sob um prisma totalmente lúdico e prazeroso, tem levado a uma maior aceitação por parte de crianças de várias gerações” [tradução nossa].

Já Pazelli (2012, p. 28) sustenta que as animações têm um poder grande de persuadir as crianças e diante disso “[...] ensinar um conteúdo se torna mais fácil, quando este vem acompanhado de uma história que cativa, envolva e permita que não só a história não seja esquecida, como também o conteúdo a ela atrelada”.

Assim, o desenho possui o potencial de trazer a ludicidade em sua narrativa, desenvolver o imaginário e a criatividade das crianças. Além de entendermos que o processo de ensino-aprendizagem da geografia não deva ser como Lacoste (2012) afirma. O autor disserta sobre o estigma em que a geografia, tanto escolar quanto acadêmica, foi relegada. Um estigma de disciplina inútil, simplória, enfadonha, livresca e desinteressada. Ou seja, vazia de todo o seu caráter político e crítico. De fato, muito já se fez para romper com este modo de

fazer geografia que tanto critica o autor, mas ainda é necessário combatê-la. Desta forma, pensamos que o processo de ensino-aprendizagem deva ser afetivo e envolvente e cative os/as estudantes a participarem ativamente do processo, pois aprender pode ser divertido.

Mornhinweg e Herrera (2017), além de afirmarem que os desenhos podem ser utilizados para ensinar conceitos às crianças, salientam que nunca devem perder as características atrativas. Ou seja, deve-se cuidar para não os desfigurar e destituí-los de seu caráter lúdico, criativo, imaginativo e encantador.

Como último agrupamento, a **Identidade, representatividade e empoderamento** são aspectos importantes a serem discutidos e refletidos em âmbito escolar. É sabido que o desenho tem o poder de auxiliar a construir ou destruir identidades, representar ou apagar, empoderar ou subordinar. Para Giroux (2013, p. 134) “[...] a Disney não ignora a história; ela a reinventa como um instrumento pedagógico e político para assegurar seus próprios interesses e sua autoridade e poder”. Além disso, ressalta que a narrativa das animações “[...] é também um dispositivo para ensinar as pessoas a se localizarem em narrativas históricas, representações e práticas culturais particulares” (Giroux, 2013, p. 134).

Munanga (2012) escreve que os seres humanos são atravessados por distintas identidades coletivas, e no Brasil não seria diferente: somos um país multicultural e multirracial. Além da construção da identidade nacional construímos, paralelamente, outras identidades como a identidade negra, a identidade LGBTQIAP+, a identidade da pessoa com deficiência, a identidade indígena, a identidade da mulher, a identidade de gênero, etc. Por vezes, a historiografia, o *status quo* vigente e as classes sociais com maior poder político e econômico realizam um processo de apagamento histórico e castração da construção das tantas identidades possíveis. Com efeito, não é fácil romper com o *status quo* que privilegia as identidades não expressas e não discutidas, mas que são tidas como a norma, a identidade branca, heterossexual, masculina, sem deficiência, rica e cristã. Entretanto, os desenhos podem contribuir para a construção e fortalecimento destas identidades desprivilegiadas nas crianças e jovens. Desta forma, de acordo com Pazelli (2012, p. 30):

A criação de uma história, usando-se uma personagem carismática ou já conhecida e estimada, permite que um determinado elemento, além de se tornar concreto, ganhe personalidade. E dependendo de como for abordado, pode associar a afeição do espectador em relação à personagem, ao filme, facilitando a absorção de um determinado conteúdo implícito ou explícito na narrativa.

Na mesma linha de pensamento Bezerra (2012, p. 1190) reforça que:

Essa questão da empatia com os personagens é um dos aspectos que mais predomina na influência do desenho animado na formação das crianças. A criança ao assistir uma historinha e simpatizar com os personagens, logo ela

vai buscar agir como ele, ou até “ser” como ele [...]. No caso dos desenhos animados, como a criança passa muito tempo em contato com eles, seus personagens passam a ser referências de comportamento e índole. A criança se vê e se projeta nos personagens, não compreendendo muito bem, ainda, os limites entre ele mesmo e a ficção.

Por fim, é importante se ater a quais identidades, representatividades e empoderamentos estão sendo construídos, valorizados, normatizados, assimilados e problematizados pelas crianças e adolescentes, dentro e fora da escola, pois isso reflete diretamente na formação de cidadãos/ãs, positivamente ou negativamente.

AS PROPOSTAS DIDÁTICAS

Os resultados do trabalho correspondem a criação de nove planos de aula, destinados ao Ensino Fundamental, que perpassam a diversidade e utilizam como recurso didático desenhos animados. Em todos os planos de aula, antes da exibição dos episódios, é sugerido ser realizada a contextualização da origem e dos dados sobre o desenho. Após a exibição do episódio é realizado um diálogo, no qual o/a professor/a convida os/as estudantes a exporem suas percepções sobre o episódio, podendo ser utilizadas algumas perguntas instigadoras. Além disso, todos os planos de aula sugerem explorar as experiências e vivências que os/as estudantes trazem à escola e, por fim, os planos contam com atividades de avaliação. Segue abaixo, no quadro 1, a síntese de algumas informações sobre os planos de aula desenvolvidos.

Quadro 1 – Síntese de informações sobre os planos de aula

Ano	Desenho animado	Episódios	Tema
1º	Meu Amigãozão	Tempo Fechado	Fenômenos Naturais
2º	Bino e Fino	Fino ama futebol	Conceito de Gênero
3º	Sentir Ser Índio - Brincadeira na Aldeia	Episódio único	Povos indígenas do território catarinense
4º	Milly e Molly	Elisa	Conceito de Deficiência
5º	Amazons: Guerreiros da Amazônia	A Origem, Biopirataria, Desmatamento e Incêndio Criminoso	Educação Ambiental
6º	Defenda-se	Episódio único	Educação Sexual
7º	Super-Choque	Filhos dos Pais	Racismo e Educação Antirracista
8º	Os Simpsons	Safari em Família	Qual África conheço?
9º	Irmão do Jorel	Shostners Shopping	Consumismo

Fonte: Os/As autores/as (2024).

O primeiro plano de aula tem como tema os fenômenos naturais e se destina ao primeiro ano. Para desenvolver a aula foi escolhido o desenho animado *Meu Amigãozão* (2010) de origem brasileira e canadense que apresenta personagens indígenas, negras e brancas (Tempo Fechado). Além de construir o conceito de fenômeno natural, a ideia foi relacionar os mesmos, apresentados de forma lúdica e fantasiosa no episódio, com os fenômenos reais (chuva, vento, etc.), articulando com o que cada fenômeno gera no entorno imediato, com a vestimenta e com atividades. Ainda é parte da aula fazer uma experiência observacional e sensorial dos fenômenos fora de sala. Após a observação é sugerido como atividade realizar um desenho sobre um dos fenômenos observados e depois conversar sobre seus desenhos. Também foi elaborada uma atividade para completar e colorir.

O segundo plano de aula traz como tema discutir o conceito de gênero e destina-se ao segundo ano. A aula parte do desenho animado nigeriano *Bino e Fino* (2015), com duas crianças negras (*Fino Ama Futebol*). O episódio problematiza o desejo de Fino, uma garota, de jogar futebol na escola como atividade extracurricular. Alguns colegas sinalizam que futebol 'não é coisa de meninas'. Ao longo da aula alguns dos objetivos são desconstruir estereótipos de gênero através dos brinquedos e brincadeiras, valorizar e respeitar as escolhas do/a outro/a e intercambiar brincadeiras entre meninos e meninas, além de introduzir o conhecimento das representações do espaço, através da localização da Nigéria (onde o desenho animado foi produzido) no globo terrestre, e do Brasil, onde as crianças estão apreciando o desenho animado.

O terceiro plano de aula tem como tema os povos indígenas do território catarinense e destina-se ao terceiro ano. Como objetivo geral buscou-se desconstruir estereótipos sobre os povos indígenas através da apresentação dos povos indígenas catarinenses (Guarani, Kaingang e Xokleng-laklãnõ) e promover uma educação antirracista, além de construir uma imagem positiva das populações indígenas. O desenvolvimento da aula se deu através do desenho animado *Sentir Ser Índio - Brincadeira na Aldeia* (2006), obra de origem brasileira, desenvolvida por indígenas sobre indígenas. É importante destacar que são populações indígenas representando a si próprias para as populações indígenas e não indígenas. Em um dos momentos da aula irão desenhar com tinta uma cena onde aparecem indígenas (ex: no mercado, na cidade, na aldeia, na TV, na escola, etc.) com o intuito de reestruturarem seus pensamentos sobre os povos indígenas e materializarem o que de novo aprenderam.

O quarto plano de aula tem como tema discutir o conceito de deficiência e destina-se ao quarto ano. O objetivo geral foi construir conhecimentos que promovam o respeito e a inclusão social de pessoas com deficiência a partir da cegueira. A discussão parte do desenho *Milly e Molly* (Milly [...], 2010), de origem neozelandesa e singapurense que conta as aventuras de duas amigas, uma negra e uma branca. O episódio em questão se chama 'Elisa', Elisa é uma criança com deficiência, uma pessoa cega. Como atividade é sugerido que as crianças façam

uma colagem com recortes de jornal e revista chamada 'Diversidade Humana', podendo usar lápis de cor também. A ideia é criar uma pessoa com as características que quiserem (sem um braço, branca, de cabelo afro, gorda, cadeirante, com óculos, com roupa de festa, etc.), com o intuito de mostrar quão diversos somos.

O quinto plano de aula apresenta como tema a educação ambiental e é destinado ao quinto ano. Para desenvolver o tema foi utilizado a série de desenhos animados brasileira *Amazons*, *Guerreiros da Amazônia* (2017), e os episódios 'A origem', 'Biopirataria', 'Desmatamento' e 'Incêndio Criminoso'. *Amazons* são super-heróis/ínas, de diversas raças, que tem como objetivo proteger a Floresta Amazônica. O objetivo geral da aula é ressignificar a relação sociedade-natureza contribuindo para proteção e preservação do meio ambiente e como objetivos específicos têm-se: identificar formas de destruição do ambiente e da Floresta Amazônica; conhecer formas de proteger e preservar o ambiente; valorizar a importância dos povos originários para com a proteção e preservação ambiental; construir conhecimentos sobre a Floresta Amazônica; e forjar arcabouço de atitudes que contribuam para a proteção e preservação ambiental. Como atividade avaliativa as crianças vão completar sentenças e solucionar uma cruzadinha.

O sexto plano de aula desenvolvido tem como tema discutir a educação sexual, mais especificamente a violência sexual e destina-se ao sexto ano. O tema é desenvolvido a partir do desenho *Defenda-se* (2018), de origem brasileira e que tem como intuito ensinar crianças e adolescentes sobre educação sexual. O desenho apresenta personagens diversas, negras, brancas, indígenas, com deficiência, com vitiligo, etc. O objetivo geral da é fazer com que as crianças consigam reconhecer as violências sexuais. Como objetivos específicos tem-se: conceituar violência sexual e limite (municipal); conhecer órgãos públicos do município (Conselho Tutelar, Polícia Civil e Ministério Público); identificar formas de violência sexual; respeitar o seu corpo e o do outro; e identificar formas de combater e denunciar as violências sexuais. Um ponto de destaque é relacionar o limite territorial dos municípios com o limite dos corpos, limites os quais as pessoas têm que respeitar.

O sétimo plano de aula apresenta como tema central discutir o racismo e a educação antirracista e destinou-se ao sétimo ano. Para problematizar o tema foi utilizado a animação *Super-Choque* (2004), de origem estadunidense, que conta as aventuras de um adolescente negro que também é um super-herói. O episódio em questão se chama 'Filhos dos pais' e trata sobre um caso de racismo sofrido pelo protagonista da obra. O objetivo geral foi compreender o racismo e promover uma educação antirracista, além de construir o conceito de racismo e racismo estrutural. Um ponto de destaque é conhecer a origem e a composição da população brasileira. Como atividade avaliativa os/as estudantes responderão um questionário com perguntas de múltipla escolha e discursivas, sendo uma das perguntas

reconhecer a sua classificação racial de acordo com a classificação do censo populacional adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

O oitavo plano de aula tem como tema 'Qual África conheço? Desconstruindo o imaginário sobre o continente africano' e destina-se ao 8 ano. O objetivo central é desconstruir estereótipos sobre o continente africano e promover uma educação antirracista, ademais de identificar representações equivocadas sobre o continente; conhecer patrimônios culturais e naturais; diferenciar os conceitos de continente e país; reconhecer e valorizar diferentes culturas e povos; e construir conhecimentos positivos sobre o continente. Para desenvolver a temática foi utilizado o desenho Os Simpsons (1989), de origem estadunidense, mais especificamente o episódio "Safari em Família". Neste, a família amarela viaja à Tanzânia e reproduzem muitos estereótipos sobre o continente africano e seus povos. Um dos momentos de destaque da aula é acessar o *Google Maps* e *Google Street View* e caminhar pelas ruas de cidades do continente africano para observar como elas são semelhantes às brasileiras.

E, por fim, o nono plano de aula tem como tema discutir o consumismo e destina-se ao nono ano. O tema é abordado a partir do desenho brasileiro Irmão do Jorel (Irmão [...], 2014), que apresenta personagens diversos. O episódio em discussão é o "Shostners Shopping", que conta sobre a inauguração de um novo centro comercial de posse de uma grande corporação. A família do protagonista vai percorrer as investidas dos/as empresários/as e proprietários/as de lojas para que consumam produtos em excesso. O objetivo é refletir sobre ambientes e práticas sociais que levam ao consumismo, além de diferenciar o conceito de consumo e consumismo; entender de que formas o consumismo afeta a natureza; identificar o papel das mídias para o incentivo ao consumismo; identificar e estimular atitudes que contribuam para o consumo consciente; e, conhecer ambientes e períodos do ano em que mais ocorre a prática do consumismo. Como atividade os/as estudantes vão criar memes sobre o consumismo através de alguns aplicativos sugeridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbra-se que o artefato midiático desenho animado pode ser um recurso didático poderoso para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica. Os desenhos animados escolhidos apresentam os quatro potenciais mencionados: o potencial da identidade, representatividade e empoderamento; o potencial da ludicidade, imaginação e criatividade; o potencial de auxiliar no ensino de valores e contravalores; e o potencial de auxiliar no ensino de conceitos e conteúdos.

Percebemos que os professores/as podem desenvolver planejamentos que integrem animações com protagonistas das mais diversas culturas, etnias, religiões e gêneros, ou seja, personagens que apresentam variadas identidades, e que estas representações sejam

positivas, que valorizem os/as protagonistas por suas qualidades e não por seus defeitos ou estereótipos. Por exemplo, se levar à sala de aula um desenho animado com uma personagem deficiente física, que a personagem tenha amigos/as, não sofra com o capacitismo, possua um trabalho bem remunerado, uma formação acadêmica etc. Desta forma, estas representações podem empoderar os/as estudantes com deficiência que se veem na telinha numa representação positiva. Podem almejar assim ser geógrafo/a, enfermeiro/a ou professor/a, mesmo com a deficiência. E esse exemplo se aplica ao/a estudante negro/a, indígena, mulher, LGBTQIAP+ etc.

Para além dos conceitos e conteúdos abordados nos planos, identificou-se dentro dos desenhos outros conceitos e conteúdos geográficos que estão implícitos ou explícitos nas obras, os quais podem e devem ser explorados. São exemplos: conceitos de paisagem, região, território, fronteira, país, continente, violência sexual, ilhas, etc. Como conteúdos podem-se explorar: questões urbanas e rurais; migrações; os biomas; formação do Universo; questões econômicas; geografia do continente africano; educação ambiental, educação étnico-racial, educação sexual, educação para o consumo, educação indígena, educação em gênero e educação para a inclusão; enfim, as possibilidades são muitas.

Contudo, ainda é difícil se apropriar das mídias e seus produtos de forma crítica. Existe a dificuldade de sair da mera utilização dos artefatos midiáticos como ilustrações de conceitos e conteúdos, para se chegar a um lugar mais crítico, onde se ensina para as mídias, com as mídias e através das mídias. Há ainda um longo caminho para encorajar professores/as a investigarem e utilizarem em suas práticas educativas os desenhos.

Por mais que existem muitas experiências que valem-se das mídias nos processos educativos, há resistência na utilização destas pelos/as professores/as, por falta de formação inicial e continuada adequada, por falta de tempo para planejamento das aulas e por falta de estrutura e insumos na escola.

Entre os desafios postos ao/a professor/a está a de filtrar e identificar, nos episódios, os conteúdos e conceitos geográficos que pretende abordar, pois estas obras são atravessadas por inúmeros elementos, temas e representações. Assim, cabe ao/a docente dar a intencionalidade que deseja ao episódio selecionado e por fim, planejar as aulas.

Porém, nós, professores/as e trabalhadores/as da educação podemos fazer uma escolha, trabalhar com as animações de forma positiva, explorar as representações que eles podem trazer para empoderar, dar representatividade e construir as variadas identidades, formando cidadãos conscientes e seguros ou deixar que as telas (plataformas de transmissão, internet, TV, etc.) façam isso de maneira equivocada, construindo pessoas com baixa autoestima, submissas, sem identidade, cidadãos/ãs inconscientes, por que sim, elas farão isso na maioria das vezes.

Voltando a pensar sobre a imagem construída de uma geografia desinteressante, maçante, simplória e acrítica, é possível pensar que os desenhos animados possam contribuir, para tornar a educação geográfica e as práticas escolares mais divertidas, criativas, atraentes, interessantes e críticas rompendo com os estigmas da disciplina.

Durante o desenvolvimento do trabalho constatou-se ainda a dificuldade de encontrar desenhos que fugissem do eixo Estados Unidos e Europa e que trouxessem diversidade. Existe vasta produção de animações no mundo, e aqui, destacamos com ênfase às produções dos países do continente africano e dos países latino-americanos, que apresentam a diversidade, entretanto estas produções não são traduzidas/dubladas para o português brasileiro e conseqüentemente não chegam na ponta da cadeia, os/as estudantes. Outra constatação em relação aos desenhos foi que os homens brancos e cisgêneros são os que dominam as criações. Assim sendo, tem-se a necessidade de produções criadas por mulheres, por indígenas e por negros/as, é necessária diversidade de pessoas não apenas nas representações das produções de animações, mas também de profissionais, isso enriquece e traz representatividade para as obras.

Além disso, por mais problemática que seja a BNCC, a utilizamos extraindo o melhor que ela pôde oferecer. Já o CTC, ao contrário da BNCC, mais robusto, democrático, diverso e contextualizado para o território catarinense possibilitou o melhor aproveitamento e aprofundamento de suas potencialidades. Ou seja, é possível desvendar as estruturas, um tanto complexas, da BNCC e do CTC para construir uma educação de qualidade.

Outro ponto importante a ser destacado é que faltou 'a cereja do bolo', a prática. Devido a pandemia de Covid-19 a presente pesquisa tomou novos caminhos. Um dos objetivos cruciais era fazer a validação dos planejamentos em escolas públicas, entretanto as essas não estavam funcionando presencialmente e respeitando o isolamento social tivemos que optar por desenvolver um trabalho teórico. De fato, isso acarreta algumas incoerências com o que as teorias educacionais apontam e com nossas convicções pessoais, por exemplo, planejar aulas sem conhecer nosso público alvo, não podendo potencializar o que deve ser potencializado nos/as discentes; outro exemplo é não saber os tempos exatos para cada momento das aulas, pois isso viria com a prática. Nos últimos anos, estamos desenvolvendo os planejamentos em escolas públicas, mas ainda os dados obtidos não foram organizados, analisados e sistematizados. Por fim, entendemos que os desenhos animados são artefatos midiáticos poderosos para serem utilizados como recursos pedagógicos na educação geográfica escolar.

REFERÊNCIAS

- A PORTUGUESE afrocentric educational cartoon show for children. [s. n.]: Abuja, 2016. 1 vídeo (10 min 29 s). Publicado pelo canal Bino and Fino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qju0vRiKsXo>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- AMAZONS – Guerreiros da Amazônia. Direção: Ronaldo Barcelos. Produção: Ronaldo Barcelos. Brasília, DF: TV Escola, 2017.
- ÁVILA, Lucía Domínguez; YANKOVIC, Nieves Schade; FERNÁNDEZ, Valerio Fuenzalida; SILVA, Marcela Vilches. El desafío que plantean los dibujos animados a las educadoras de párvulos. **Investigaciones en Educación**, Temuco, v. 10, n. 2, p. 89-104, 2010. Disponível em: <http://revistas.ufro.cl/ojs/index.php/educacion/article/view/1011>. Acesso em: 11 set. 2020.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Televisão e educação: a escola e o livro. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 24, p. 7-14, maio/ago. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37432>. Acesso em: 6 abr. 2021.
- BELTRÁN-PELLICER, Pablo; ARNAL-BAILERA, Alberto; MUÑOZ-ESCOLANO, José María. Análisis del conteo como contenido matemático en un episodio de dibujos animados para educación infantil. **Revista Iberoamericana de Educación Matemática**, Andújar, v. 14, n. 52, p. 236-249, abr. 2018. Disponível em: <https://union.fespm.es/index.php/UNION/issue/view/59/58>. Acesso em: 12 set. 2020.
- BEZERRA, Larissa Rogério. História do desenho animado e sua influência na formação infantil. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Imprepe, 2012. p. 1182-1195. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24841>. Acesso em: 12 set. 2020.
- BRASIL. Lei 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta o 8. ao art. 26 da lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, ano 151, n. 121, 27 jan. 2014. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=27/06/2014>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- BRINCANDO na aldeia. Vitória: Festival de Cinema de Vitória, 2010. 1 vídeo (4 min 18 s). Publicado pelo canal Vitoriacinevideo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h84T-RxA2e0>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- BRITANNICA Escola. Animação. Britannica, Chicago, 2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/animação/480613>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino da geografia**: caminhos e encantos. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- DEFENDA-SE! (11): sentimentos. Curitiba: Grupo Marista, 2018. 1 vídeo (2 min 22 s). Publicado pelo canal Grupo Marista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0mTpFWuyk6g&t=1s>. Acesso em: 7 mar. 2024.

DEL MORAL, María Esther; VILLALUSTRE, Lourdes; PIÑEIRO, María del Rosario Neira. La asimilación cognitiva infantil de los estereotipos representados a través de los dibujos animados. **(OBS*) Observatorio**, Lisboa, v. 4, n. 3, p. 89-105, 2010. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/381>. Acesso em: 11 set. 2020.

DIAS, Angélica Mara de Lima; LAURINDO, Maria do Socorro Vieira; RODRIGUES, Erimáigna de Moraes. Uma proposta no ensino de geografia: filmes de animação como recurso didático. *In*: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DA UEPB, 5.; ENCONTRO DE FORMAÇÃO PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Realize, 2014. v. 1, p. 1-5. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/anais.php>. Acesso em: 13 maio 2019.

ESPÍRITO SANTO, Carlos Alberto Braga do; BRITO, Leandro Tavares Santos. As relações étnico-raciais em um contexto do desenho animado mundo Bitá. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Olinda. **Anais [...]**. Olinda: Realize, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46503>. Acesso em: 6 abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROUX, Henri Armand. Memórias e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 129-154.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de geografia. *In*: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013. p. 219-240.

IRMÃO do Jorel. Direção: Juliano Enrico e Rodrigo Soldado. Produção: Zé Brandão, Felipe Tavares. Intérpretes: Juliano Enrico, Andrei Duarte, César Marchetti et al. São Paulo: Cartoon Network, 2014.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2012.

LIMA, Joélica Pereira de. A construção do pensamento geográfico através dos desenhos animados: uma experiência utilizando o Pica-Pau como recurso didático. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/3109>. Acesso em: 10 set. 2020.

LLORENT, Vicente; MARÍN, Verónica. La integración de los dibujos animados en el currículo de educación infantil: una propuesta teórica. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, Madrid, v. 12, n. 1, p. 73-82, 2013. Disponível em: <http://www.rinace.net/reice/numeros/vol12num1.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 417-429, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132008000300004>

MEU Amigãozão. Direção: André Breitman. Produção: André Breitman, Ira Levy e Peter Williamson. Intérpretes: Nissae Isen, Addison Holley, Scott McCord, Tajja Isen, Gage Munroe et al. Toronto: Breakthrough Animation, 2010.

MÍDIA. *In*: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%ADdia/>. Acesso em: 7 abr. 2021.

MILLY e Molly. Direção: David Evans. Produção: Leonard M. Intérpretes: Savannah Lind, Madeline Flood et al. Último: Australian Broadcasting Company, 2010.

MORNHINWEG, Gabriela; HERRERA, Luiz Carlos. Los dibujos animados: herramienta para la educación. **Investigación e Pensamiento Crítico**, Panamá, v. 5, n. 2, p. 21-37, maio/ago. 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/319551296_Los_Dibujos_Animados_herramienta_para_la_educacion. Acesso em: 10 set. 2020.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, Goiânia, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246>. Acesso em: 8 out. 2020.

OS SIMPSONS. Criador: Matt Groening. Produção: Matt Groening, Dan Castellaneta, Conan O'Brien et al. Intérpretes: Dan Castellaneta, Nancy Cartwright, Julie Kavner, Yeardley Smith et al. Roteiro: Mike Reiss, Matt Groening, Al Jean et al. Los Angeles: Fox Broadcasting Company, 1989. Disponível em: <https://redecanais.zip/browse-os-simpsons-dublado-videos-87-date.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PAZELLI, Pedro Eugênio Gomes. **A utilização da animação no ensino fundamental para a educação em saúde**. 2012. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21766@1>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PERON, Thiago Afonso. O desenho animado como potencializador de uma educação geográfica antirracista. **Revista de Ensino de Geografia**, Recife, v. 12, n. 22, p. 164-182, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N23/Resumo-Art10-v12-n23.php>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PERON, Thiago Afonso; ELIAS, Leonardo Maciel de Medeiros. O desenho animado “super choque” para desenvolver práticas geográficas antirracistas. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 7, n. 13, p. 74-88, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>. Acesso em: 9 out. 2020.

PUIGGRÒS, Núria Rajadell; PUJOL, María Antònia; HOLZ, Verónica Violant. Los dibujos animados como recurso de transmisión de los valores educativos y culturales. **Comunicar**, Barcelona, v. 13, n. 25, p. 1-9, out. 2005. DOI: <https://doi.org/10.3916/C25-2005-190>

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: SED, 2014. Disponível em: https://nucleo1.paginas.ufsc.br/files/2014/12/Proposta_Curricular-de-Santa-Catarina.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. **Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense**. Florianópolis: SED, 2019. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 15, n. 3, p.167-183, jan. 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/223649947353>

SILVA, Arthur Martins da. **O desenho animado “os Simpsons” como instrumento metodológico no ensino de geografia**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11834>. Acesso em: : 28 nov. 2020.

SOUZA, Kamila Regina de; SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e desenhos animados: reflexões sobre a construção do conceito de prática pedagógica educacional desde a educação infantil. **Humanitaris**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 92-109, 2013. Disponível

em: <https://silo.tips/download/revista-humanitaris-pucrs-eduser-icep-2>. Acesso em: 15 set. 2020.

SUPER-CHOQUE. Direção: Dwayne McDuffie, Denys Cowan, Michael Davis e Derek Dingle. Produção: Burbank: Warner Bros. Television, 2004.

Recebido: dezembro de 2023.

Aceito: março de 2024.